

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: Sociologia do Esporte

**A FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO NA MODALIDADE ESPORTIVA DE
VOLEIBOL SOB O OLHAR DE EX-ATLETAS DA CATEGORIA ADULTO
MASCULINO DE CUIABÁ**

Fabiana Cristina de Lima¹

Francisco Xavier Freire Rodrigues²

¹ Professora da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá/MT. Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte, Cultura e Sociedade – GEPECS.

² Professor orientador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e coordenador do GEPECS da Universidade Federal de Mato Grosso.

A FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO NA MODALIDADE ESPORTIVA DE VOLEIBOL SOB O OLHAR DE EX-ATLETAS DA CATEGORIA ADULTO MASCULINO DE CUIABÁ

Resumo

O estudo ora apresentado teve o propósito geral de analisar os processos de formação de identidade de gênero na modalidade esportiva de voleibol de acordo com a percepção de 3 ex-atletas da categoria adultos masculino, da cidade de Cuiabá, MT. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida sob uma perspectiva qualitativa, valendo-se da técnica de entrevista semi-estruturada como instrumentos de coleta de dados. Para a análise, foram adotados os procedimentos de categorização, que permitiu o encontro dos temas: **“Gênero e identidade de gênero: marcas compulsórias de uma relação social heteronormativa”** e **“Identidade de gênero tecida no esporte: entre ser o que se pode e ser o que se é”**, que permitiram o reconhecimento de que, durante as atividades esportivas praticadas pelos ex-atletas investigados, foi exercida uma condução heteronormativa que forjou o tipo de identidade de gênero considerada como “adequada” por aqueles que exerciam autoridade textual sobre a equipe, reconhecida, principalmente, na condução do técnico. Dessa maneira, foi possível considerar que as representações reforçadas no ambiente esportivo que os ex-atletas conviviam correspondiam a um modelo de sujeito forte, viril, hábil, portanto, masculino, heterossexual. O que levou-os a adoção de uma postura de identidade de gênero masculina na tentativa de serem aceitos e respeitados pelos seus colegas e técnico da equipe.

Palavras-chave: Representações. Autoridade textual. Identidade. Gênero.

1. Introdução

O esporte é um fenômeno social que irradia valores que, numa perspectiva dos contributos para uma vida em sociedade, são tratados como formação. Nesse sentido, muito longe de ser somente esportiva, a formação no esporte, e por meio dele, atinge outros meandros formativos e incidem na subjetividade dos atletas no tocante as suas representações, que não ficam restritas somente ao esporte em si, elas se ampliam para outras situações cotidianas da vida.

Para um atleta os significados gerados para os significantes, quadra ou campo de jogo, placar, treinamento, técnico, medalha, torcida, competição e até do próprio corpo são diferentes de outros grupos culturais, pois suas experiências de vida foram inundadas por esses elementos. Por conseguinte, outras pessoas não

atletas identificam um atleta por suas características culturais traduzidas nos valores dados aos elementos citados.

O esporte é um terreno fértil às diferentes representações e a maioria delas incide na ideia de superioridade, força, virilidade, beleza. E essas estão diretamente ligadas à forma de se estar no mundo.

Aproximando das representações relacionadas a gênero, é preciso reconhecer que o esporte é uma poderosa instituição de produção social da masculinidade. Visto que, a identidade também se constrói em torno do corpo e o esporte apresenta-se como um eficiente mecanismo de controle de sua natureza. Pois, o que está em “jogo” é a operacionalização do corpo a ponto de subtrair dele o mais alto padrão performático esportivo (VAZ, 1999). E isso corrobora a hierarquia de gênero no esporte e estabelece normas de dominação como, por exemplo, dos homens sobre as mulheres e dos heterossexuais sobre os homossexuais (ANDRÊO et al., 2016).

Nas categorias formuladas por Anderson (2005 *apud* ALMEIDA; SOARES, 2012) pode-se verificar que a força persuasiva exercida pelo esporte reforça a hegemonia masculina por meio do capital masculino hipertrofiado composto pelo homem heterossexual, hábil, atlético, atrativo.

Observando o potencial de produção e reprodução simbólica a partir do esporte, que dá a unidade e origem a algumas das significações validadas por seus atletas e para tentar compreender as análises das relações entre autoridade textual e formação de identidade, na função de esclarecer as preposições da atuação do técnico e de alguns atletas de voleibol masculino sobre a concepção de identidade de gênero e, assim, identificar as formas de representar as questões entre homens e mulheres na sociedade, a intenção desse estudo situa-se no campo das representações de um determinado meio esportivo que emitem valores e imprimem símbolos e códigos que podem determinar certos posicionamentos sobre a questão de gênero.

Nesse mote foi construído os seguintes problemas: como ocorre o processo de formação de identidades de gênero de atletas adultos da modalidade esportiva de voleibol masculino? Existem influências dos sujeitos que exercem autoridade textual – e quem são eles, na equipe sobre a formação de identidade de gênero? Como técnicos e atletas de voleibol representam socialmente as questões de

gênero? Quais os elementos que favorecem e estão presentes no processo de formação identitária de gênero?

Considerando que as definições de masculino e feminino contribuem para a auto identificação do sujeito, e que esse caráter social e histórico – que também delineiam os papéis que devem ser representados por homens e mulheres, constroem a identidade de gênero do sujeito, formulam as representações sociais e demonstram como se dão as relações de poder, consideramos nos referenciais teóricos que versam sobre representações, autoridade textual, identidade e gênero a bússola norteadora para as reflexões conceituais desse estudo que teve por objetivo geral analisar os processos de formação de identidade de gênero na modalidade esportiva de voleibol de acordo com a percepção de ex-atletas da categoria adulto³ masculino⁴, da cidade de Cuiabá, MT. E, por objetivos específicos examinar se existem influências dos sujeitos que exercem autoridade textual na equipe sobre a formação de identidade de gênero e compreender quem exerce a autoridade textual no grupo e influenciou/influencia na formação de identidade de gênero dos ex-atletas investigados.

1.1 Representações

A questão das representações, no âmbito da produção cultural, é concebida como práticas de significação que incidem sobre o discurso e participam na constituição das representações que, por sua vez, estão diretamente ligadas às construções culturais. Para Foucault (1996) as representações estão posicionadas no mote do discurso e poder.

Para Hall (1997), o cerne da representação é o questionamento da materialidade das coisas e da assertiva de que elas existem em sua concretude. A matéria se confunde com práticas simbólicas de representação, de sentido e de linguagem. Assim, não é o mundo material que porta os sentidos por si só. Somente com a linguagem usada na representação dos nossos conceitos é que as coisas concretas existem.

³ A modalidade esportiva de voleibol é dividida em categorias de acordo com a idade dos atletas, sendo elas: Pré-mirim – idade máxima de até 12 anos; Mirim – idade máxima de até 13 anos; Infantil – idade máxima de até 15 anos; Infanto-juvenil – idade máxima de até 17 anos; Juvenil – idade máxima de até 20 anos e Adulto – idade livre.

⁴ Além da categoria, a modalidade é dividida em “naipe” – Masculino e Feminino. Masculino – naipe em que se inscrevem homens e Feminino – naipe em que se inscrevem mulheres.

A representação se compõe de dois processos, o primeiro é definido por uma relação dos objetos, pessoas, ações a um conjunto de significados já presentes na nossa subjetividade, as representações mentais. O segundo consistem em um sistema de representação, é a capacidade de organizar, agrupar, estabelecer relações complexas entre elas, por exemplo, os pássaros e os aviões voam, porém um é um animal e outro é um artefato. Os dois processos, componentes da representação, formam um mapa conceitual. Para haver comunicação entre pessoas, as representações comuns se fazem necessárias. (HALL, 1997)

Foucault (1996) afirma que o discurso são representações e o que interessa são as regras práticas que produzem afirmações que dominam as relações sociais em diferentes períodos históricos. Para o autor os discursos definem as atitudes aceitáveis e, pelo contrário, excluem outras. Para um discurso preponderar sobre outro são necessárias relações não assimétricas de poder, assim, quem detém o poder consegue fazer valer, pelos discursos, suas representações.

No entanto, é preciso entender que os discursos não se restringem a um conjunto de signos, denotado a dar sentido a coisas ou fatos, como significantes de determinados conteúdos. É preciso olhar os discursos, assim como infere Fischer (2001, p. 198) para além da ideia de que ele apresenta-se “cheio de reais intenções [...] como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade [...]”.

A transitoriedade do discurso também pode ser entendida a partir do princípio da descontinuidade apresentado por Foucault (1996, p. 52-53) que indica que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”.

O conceito de representação pode ser definido como coletivo ou social.

O modelo de representação coletiva, expresso por Durkeim, é impessoal e estável, “comum a todos na medida mesma em que emanam da comunidade dos homens; e, assim, instrumentos de intelecção do mundo e comunicação entre as razões individuais.” (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 143).

A representação coletiva surge como o primeiro tipo de representação, servido de base para o modelo de representação social, desenvolvida por Moscovici, a partir da verificação de que “o modelo de sociedade de Durkeim era estático e tradicional [...]. As sociedades modernas, porém, são dinâmicas e fluídas”, por isso,

Moscovici preservou o conceito de representação e substituiu o conceito “coletivo” pelo conceito “social”. (GUARESCHI, 1996, p. 23-24)

A representação social é fundamentalmente apresentada por Guareschi (1996) por meio de sete itens designados por Moscovici, publicado em 1984 e apresentado como “O Fenômeno das Representações Sociais”. Guareschi (1996) indica que os dois primeiros itens do trabalho de Moscovici: o pensamento considerado como “ambiente” e o significado de uma sociedade pensante, tem como propósito a descrição de uma realidade nova, que ainda não está em nosso nível de consciência ou ainda não lhe foi dada alguma atenção. Nestes dois primeiros itens, Moscovici tenta mostrar a íntima relação entre o “interno e o externo, o individual e o social, a consciência e a realidade [...]”. Nos itens três e quatro: O familiar e o não familiar e Ancoragem e objetivação: processos geradores das representações sociais, Moscovici apresenta suas principais análises com o propósito de sistematizar, descrever e, algumas vezes, compreender as representações sociais. “Ele organiza os pressupostos básicos de sua teoria ao redor da complexidade do mundo social” interessando-se tão somente pelos “seres humanos no contexto mais amplo das relações sociais”. O quinto e sétimo item apresentados por Moscovici⁵, sendo identificados como: Causalidade de direita e de esquerda e O status das representações: estímulos ou mediadores?, apresentam alguns pontos divergentes e similares entre as teorias que discutem representações sociais por meio da opinião pública, atitude, representações coletivas, atribuições, cognição social e ideologia. (GUARESCHI, 1996, p. 14-16)

Interessa-nos a apresentação dessas várias dimensões, ainda que feita de forma muito sucinta, por acreditarmos, assim como Guareschi (1996), em seu potencial em contribuir para o delineamento do conceito de representação social. Proporcionando o alcance das informações sobre “o que forma as representações sociais, como elas se constituem e quais os efeitos dessas representações”. (*Ibid.*, p. 19)

Trazer para esta investigação as definições de representação a partir dos estudos culturais e, também, sobre uma perspectiva social, incide em melhor esclarecer sobre que tipo de representação é tratado neste estudo.

⁵ O sexto item não foi considerado por Guareschi (1996) por se tratar do levantamento das pesquisas realizadas sobre a representação social, até 1984, ano de publicação do trabalho de Moscovici.

1.2 Autoridade Textual

Os discursos de poder atingem as subjetivações, porém, o importante não é a simples verificação de quem ou há que grupo cultural pertence o poder e sim como se obteve o poder. Fato é que os grupos melhores posicionados lutam para manter sua hegemonia e se explicam como dominantes ora pela sua história vitoriosa na sociedade, ora por questões de supremacia biológica. Exemplo da justificativa biológica é denotado na supremacia dos homens em relação às mulheres explicados pela força física superior do homem. Em outro exemplo no que se refere às questões históricas se tem a predominância branca de sucesso e êxito social referendado em relação aos negros.

Vale ressaltar que as referências do projeto moderno de sociedade trouxeram consigo valores que referenciaram um modelo de cidadão, o homem branco, católico e heterossexual, os que fogem a esse padrão são tratados como menores, piores e desqualificados. Discursos hegemônicos e contra hegemônicos são veiculados em diversas organizações sociais, dentre muitas estão: a educação, o esporte, a religião, essas trazem consigo uma figura que, com sua autoridade, atua diretamente na conformação das identidades: na igreja, o líder religioso, na escola, o professor e no esporte, o técnico. A autoridade de atuar nas subjetividades é denominada por Giroux e Maclaren (1995) de autoridade textual que no presente objeto de pesquisa se configura na relação técnico, atleta, identidade e gênero.

1.3 Identidade e gênero

A identidade para Hall (2006) apresenta-se em três concepções: a identidade do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. Para o sujeito do iluminismo a pessoa humana nascia com um núcleo interior que permanecia essencialmente o mesmo em toda sua existência, sendo as mudanças possíveis construídas pelo próprio indivíduo. No sujeito sociológico o núcleo interior não é autônomo e nem auto-suficiente, mas formado na relação com outras pessoas, de acordo com essa concepção a identidade é formada na relação do “eu” com a sociedade. No sujeito pós-moderno apresenta-se como não tendo uma única identidade, mas composto por várias formada e transformada continuamente de

acordo com a representação que os diversos sistemas culturais produzem. Dessa maneira o sujeito assume diferentes identidades em diferentes situações e somos confrontados internamente por sistemas de significações culturais que a medida de sua multiplicação poderíamos nos identificar temporariamente.

Hall (2006), um autor não essencialista, é simpático à afirmação que as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas. A descentração que o autor confere as identidades na modernidade foi impactada pelo avanço das ciências humanas e sociais.

Na concepção essencialista, uma das formas de se identificar uma pessoa é através de suas características biológicas, aquela que é reconhecida a partir de um exame ultrassonográfico – realizado ainda na vida uterina do sujeito, ou a partir do parto e, desse momento em diante são criadas formas para se conduzir as interações com esse sujeito. “[...] meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero ‘adequado’.” E todo comportamento de homem e de mulher são concebidos como naturais, essencialmente determinado por sua disposição biológica. “Além disso, a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher.” (JESUS, 2012, p. 8)

Em uma compreensão não essencialista, considerando a não fixação de uma identidade e a significações culturais que, a medida que tomamos contato com o mundo, tornam nossa identidade provisória, ou sujeitos com identificação temporária, pode-se dizer que a diferença entre homem e mulher é, em grande parte, influenciada pelo convívio social. Assim, “a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social”. Dessa maneira, é possível afirmar que sexo é biológico e gênero é social. “Gênero vai além do sexo”. (*Ibid. loc. cit.*)

Para Silva (2007) a identidade, assim como a diferença, “simplesmente existe” e, ambas, estão em uma relação estreita de dependência. Aproximando as ideias do autor das questões abordadas por essa investigação, pode-se dizer que, na tentativa de se firmar em uma identidade – homem ou mulher, mesmo que isso reforce o binarismo existente, que dá o tom de uma sociedade exigente por um único posicionamento – ou se é isso ou aquilo, a necessidade de se dizer “eu sou homem” ou “eu sou mulher” só faz sentido quando um quer se diferenciar do outro – eu sou esse ao invés daquele. Para o autor, se houvesse uma homogeneidade, em

que todos partilhassem da mesma identidade, as afirmações identitárias seriam desnecessárias. “De certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de ‘humanos’. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que ‘somos humanos’”. (*Ibid.*, p. 73)

O fato é que a busca incessante de diferenciar o homem da mulher, e vice versa, apoiada unicamente em aspectos biológicos que definem o sexo, ensina um a se comportar diferente do outro e, também, exige que o sujeito assuma o papel de gênero apropriado a forma como são identificado.

E, de certa maneira, gênero tem sido a forma de se promover a identificação do sujeito como homem ou como mulher, através de uma perspectiva pessoal e social. “Gênero orienta papéis e expressões [...]. Independe do sexo”. (JESUS, 2012, p. 24)

Para melhor entendermos a trajetória do termo “gênero”, encontramos em Nicholson (2000) a indicação de que, o termo “gênero”, surge da junção de duas ideias importantes do pensamento ocidental: a da base material da identidade, que vincula aos fatores biológicos as raízes da diferença e a da construção social do caráter humano, que considera as várias diferenças entre homens e mulheres expressas na personalidade e no comportamento.

Para Scott (1990, p. 72), o termo “gênero”, da forma como é utilizado recentemente, aparece inicialmente “entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Como forma de rejeitar “o determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’”. O termo “gênero” foi utilizado para dar uma noção relacional, de maneira que homens e mulheres fossem compreendidos reciprocamente e não estudados de forma isolada e, também, para designar as relações sociais entre os sexos.

Entre as feministas a palavra “gênero” foi usada de duas maneiras diferentes e um tanto contraditória. De uma maneira, o termo “gênero”, em seu desenvolvimento e utilização, aparece vinculado a oposição a palavra “sexo” e para “descrever o que é socialmente construído em oposição ao que é biologicamente dado”. A segunda maneira de utilização do termo, indica a construção social que distingue masculino de feminino, no que tange, também, “as construções de corpos ‘femininos’ de corpos ‘masculinos’”. (NICHOLSON 2000, p. 9)

No final dos anos 60, com o surgimento da segunda fase do feminismo, a noção biológica que servia para separar o homem da mulher, descrita comumente pela palavra “sexo”, foi suplementada pelo conceito de gênero, em que as questões biológicas serviram de base para a construção dos significados culturais (*Ibid.*).

Assim, vale considerar que o termo “gênero” não foi introduzido como sinônimo do termo “sexo” e tão pouco veio para substituí-lo.

Para Louro (2003) o termo “gênero” está absolutamente ligado à história do movimento feminista contemporâneo, que concebe o conceito de gênero como parte da formação da identidade do sujeito. Segundo a autora, o movimento feminista surge para contestar a superioridade do homem na sociedade e, como manifestações iniciais encontra-se a luta contra a discriminação da mulher, a luta pelo direito ao voto – conhecido como movimento sufragista, a luta para a oportunidade de estudo e acesso a determinadas profissões, dentre outros.

Na atualidade, além dos movimentos feministas, os movimentos de homossexuais também têm buscado demonstrar que “o esquema polarizado linear não dá conta da complexidade social”. (LOURO, 2003, p. 38)

Para entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos, é preciso considerar que os sujeitos possuem identidades plurais, múltiplas, que podem, também, ser contraditórias.

Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos — étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. — constitui o sujeito [...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o (LOURO, 2003, p. 24-25).

É neste ponto que o presente estudo se concentra e busca informações mais precisas e esclarecedoras – do ponto de vista da articulação entre teoria e prática, da verificação conceitual e fenomenológica, sobre os pontos de assentamento da identidade de gênero – aqui considerada como o gênero que a pessoa se identifica, que pode ou não ser o mesmo ao qual foi envolvido no instante de seu nascimento. (JESUS, 2012)

2. Metodologia

Na expectativa de alcançar informações apropriadas para a condução desta investigação, que possibilitassem compreender as análises da trama de relações entre autoridade textual e formação de identidade, para, enfim, partir de um olhar que alcançasse o ponto de enunciação e descrevesse-o o mais precisamente possível, que a investigação qualitativa foi eleita como método de condução deste estudo, em reconhecimento de seu “ponto forte” considerado por Silverman (2009, p. 51) como “a capacidade de estudar fenômenos simplesmente indisponíveis em qualquer lugar”.

A opção pela pesquisa qualitativa enquanto método de investigação se fez certa por ser este um método que opera “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Respondendo a questões muito particulares sobre a dinâmica das relações sociais, direcionadas a vivências, experiências e cotidianidade, nas quais exprime-se os fenômenos humanos. (MINAYO, 1994, p. 22).

Para que fosse possível alcançar a concretude desta investigação, inicialmente foram convidados 7 ex-atletas da modalidade esportiva de voleibol, que foram escolhidos por serem conhecidos pela investigadora, o que foi considerado como condição favorável a participação nesta investigação. No entanto, dos 7 ex-atletas, somente 3 responderam prontamente ao convite e a chamada para entrevista on-line no dia e horário destinados à coleta de dados. Os 4 outros ex-atletas foram desconsiderados por não terem respondido ao convite para participação no estudo.

Dessa maneira, participaram da coleta de dados via entrevista semi-estruturada, realizada por Skype, 3 ex-atletas de uma mesma equipe, que atuaram dos 13 aos 27 anos, aproximadamente – entre as categorias infantil e adulto, da modalidade esportiva de voleibol, com idade atual entre 31 e 35 anos.

A forma de se realizar a entrevista on-line, contanto com o programa Skype, foi considerada devido a dificuldade de encontrar pessoalmente com os sujeitos desta investigação, visto que, um deles trabalha com representação comercial em diferentes cidades e estava em viagem de trabalho no momento destinado a coleta de dados deste estudo e, os outros dois, tiveram dificuldades de atender esta

pesquisadora nos horários sugeridos a eles. Assim, a utilização dessa tecnologia possibilitou a participação de todos no melhor momento e horário informado por eles.

A entrevista semi-estruturada foi considerada como ferramentas de coleta de dados, entendendo que esses instrumentos apresentam-se de maneira eficiente na apreensão de informações junto aos sujeitos investigados e que está em consonância com o objetivo e método de condução da presente pesquisa.

É certa a vantagem da utilização de perguntas semi-estruturadas na entrevista, como, por exemplo, a inclusão de perguntas adicionais para esclarecer pontos que não ficaram claros ou ajudar a reconduzir os entrevistados ao escopo da entrevista, caso os mesmos saiam do tema ou apresentem alguma dificuldade de entender as perguntas. Essas questões, segundo Minayo (2006), são significativas na condução dessa técnica de coleta de dados, por contribuir para maior direcionamento do tema, favorecendo o alcance dos objetivos traçados para a entrevista.

Como forma de resguardar a originalidade de cada uma das falas emitidas pelos sujeitos, as entrevistas foram realizadas individualmente e, antes de iniciar a coleta de dados, foi explicado a cada participante o interesse e forma de desenvolvimento da entrevista. Em que, os participantes puderam, caso desejassem, não responder às perguntas, manifestar suas dúvidas sobre elas e, também, interromper, a qualquer momento, a entrevista, assim como recomendado por Szymanski (2004).

Válido se faz lembrar que as perguntas fizeram menção ao período em que os ex-atletas investigados ainda atuavam na modalidade esportiva em questão. Assim, as indagações feitas aos sujeitos deste estudo buscavam levantar informações dos momentos vividos no esporte que fizeram referência a uma determinada identidade de gênero.

Todas as verbalizações dos participantes deste estudo foram gravadas em um gravador de áudio portátil, que auxiliou na coleta de dados durante a entrevista.

Após a sua coleta, os dados foram transcritos na íntegra em documento Word, obedecendo ao linguajar dos entrevistados, para, na sequência, serem analisados em função dos significados apresentados e agrupados em categorias.

Para o processo de análise de dados, foram adotadas as recomendações de Minayo (2006) que abrangem desde as ordenações de dados, num processo em

que o material coletado possa ser tecnicamente trabalhado até a classificação de dados, encaminhada pelas etapas de leitura horizontal e exaustivas dos textos; leitura transversal e análise final.

No momento da análise final, já foi possível encontrar as categorias que respondem aos sentidos particulares que os sujeitos investigados atribuíram ao tema do estudo, possibilitando chegar ao fenômeno e compreender a sua essência.

Dessa maneira, os dados puderam ser esclarecedores, contribuindo para o alcance das respostas as inquietações provocativas desta investigação.

3. A Formação de Identidade de Gênero na Modalidade Esportiva de Voleibol Sob o Olhar de Ex-Atletas da Categoria Adultos Masculino de Cuiabá

No envolvimento com as questões particulares a este estudo, foram buscadas informações que pudessem responder as inquietações que encaminharam a investigação sobre os processos de formação de identidade de gênero na modalidade esportiva de voleibol de acordo com a percepção de ex-atletas da categoria adulto masculino, da cidade de Cuiabá, MT.

Através da análise das falas dos sujeitos investigados, foi possível verificar alguns dos processos de formação de identidade de gênero dos ex-atletas de voleibol participantes do estudo em questão, processos estes ocorridos exclusivamente nos momentos em que eles ainda estavam atuantes no referido esporte.

E, para melhor apresentarmos as informações obtidas por meio desta investigação, serão apresentadas, logo abaixo, as duas categorias alcançadas a partir da análise das entrevistas prestadas pelos sujeitos participantes do estudo, sendo elas: “A percepção sobre gênero e identidade de gênero: marcas compulsórias de uma relação social heteronormativa” e “Identidade de gênero forjada no esporte: entre ser o que se pode e ser o que se é”.

Para melhor esclarecimento sobre as informações alcançadas, serão apresentados alguns fragmentos das falas dos ex-atletas, acompanhados pelas letras iniciais dos nomes e a idade de cada um deles, no formato, como por exemplo: (LI, 34A), que, de maneira muito significativa, ajudaram a responder as inquietações que incitaram essa investigação.

3.1 A percepção sobre gênero e identidade de gênero: marcas compulsórias de uma relação social heteronormativa

Na perspectiva de melhor abranger como os sujeitos dessa investigação percebem a formação de identidade de gênero no esporte que praticaram durante boa parte de suas vidas, entendemos como necessário, também, buscar compreender, através das falas desses sujeitos, como técnicos e atletas representam socialmente as questões de gênero.

Ainda que o termo gênero venha sendo, cada vez mais, utilizado em discursos midiáticos, debatidos por grupos educacionais, religiosos e políticos, seu real sentido parece, até os dias atuais, estar sendo vinculado a questões biológicas que sugerem sexo quando, na verdade, relaciona-se a questões culturais. O que pode, diretamente, influenciar no trato com as questões relacionadas ao gênero.

Essa relação com o termo gênero e seu real sentido pode ser verificada nas falas dos ex-atletas investigados. Assim como representado nas falas abaixo:

Ah! É uma forma de conceituar a pessoa, independente do que realmente ela é. Olham para mim e dizem, por exemplo, ele é homem. Isso porque eu tenho um pênis em minha genitália. [...] Acho que gênero é uma forma de influenciar o que devemos ser de verdade. (LI, 34A)

Gênero é uma visão de homem e de mulher. É para melhor diferenciar um do outro. [...] Tipo, o homem tem pênis, suas costas são mais largas, é mais forte. A mulher não, a mulher tem seios, vagina, pode engravidar, essas coisas. (RA, 31A)

Gênero surge para ajudar na orientação de como devemos se comportar. Se eu sou homem, ou eu nasci com esse sexo, eu devo andar, falar, sei lá, eu devo agir como homem, eu acho. (RO, 35A)

Para os sujeitos entrevistados, gênero é um termo que contribui para a identificação de homem e de mulher, na perspectiva de diferenciá-los sexualmente. Ainda que o sujeito (RO, 35A) relacione gênero com o modo de agir do homem e da mulher, ele não relaciona esse agir com os aspectos sociais de cada sujeito. (RO, 35A) faz menção a gênero como um auxílio no modo de agir de cada sujeito de acordo com o seu sexo, determinado biologicamente.

Jesus (2012, p. 8) tenta responder a forma desconectada que o termo gênero ainda é tratado socialmente, inferindo que “Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são ‘naturais’, totalmente biológicas, quando, na verdade, boa parte delas é influenciada pelo convívio social.” E, ainda, segundo a mesma autora: “Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo [...]” (*Ibid. loc. cit.*)

Quanto à percepção sobre o que é identidade de gênero, os sujeitos entrevistados indicam que:

Tipo, um homem tem suas características e é identificado por essas características. Isso é a sua identidade. A mulher é a mesma coisa (LI, 34A)

É como eu nasci né. Para mim é como agente veio ao mundo (RA, 31A)

É aquilo que você é. Como as pessoas te vêm e espera que você seja (RO, 35A)

Essa percepção sobre identidade de gênero dos sujeitos entrevistados aparece confirmada e ao mesmo tempo refutada quando os mesmos informam a percepção que cada um deles tem sobre a sua própria identidade de gênero. Eles, a princípio, identificam a sua identidade de gênero relacionada com o sexo determinado pelo aspecto biológico, porém, eles indicam ter assumido outra identidade, independente daquela sugerida a partir do seu sexo biológico.

Eu nasci homem. Tipo, eu tenho a identidade de homem. Mas você sabe né, eu, depois de adulto, pude me assumir e eu tenho vontade de ser mulher. Continuo me vestindo como homem. Mas eu não faço mais questão de me comportar como homem. Quem quiser pode até me chamar de bicha. Eu tô nem aí. [...] É, eu acho que não tenho mais a mesma identidade de homem. [...] Essa coisa que a maioria das pessoas acham, nasceu homem tem que ter desejo de homem, de macho. [...] Desejo sexual, sabe?. (RO, 35A)

Sabe como é, né?. Eu nasci errado, esse corpo não é meu. Eu sou bicha. Viado né?. Falando sério, eu sou homossexual. [...] Então, hoje eu não me identifico nem como homem e sei que eu não sou mulher. Tenho um outro jeito, uma outra identidade que ainda não recebeu um apoio que nem um homem e uma

mulher já recebeu. [...] ah! Sei lá, apoio da sociedade. (RA, 31A)

Ah! Eu já nem sei mais quem que eu sou. Não sei mais se sou homem com vontades de mulher. Se eu sou mulher em um corpo de homem. Eu só sei que eu gosto de me relacionar com homem. Acho que eu tenho uma identidade de gênero diferente, homossexual, como os outros chamam. (LI, 34A)

Considerar a percepção que o sujeito tem sobre a sua identidade de gênero pode revelar a marca deixada por uma sociedade machista e heteronormativa, que insiste em enquadrar o sujeito nas práticas heterossexual e promover uma homogeneização e padronização das identidades sociais, assim como inferido por Andréo et al. (2016).

Romper com esse enquadramento pode assegurar ao sujeito maior apropriação e realização de seus desejos. Ao contrário disso, continuaremos a reproduzir políticas identitárias que, segundo Butler (2003 *apud* ANDRÊO et al., 2016, p. 50) “aprimonam e controlam as pessoas, submetendo-as a ‘papéis aprovados’ pela sociedade”.

Essas elocuições, mesmo que não respondam a questão central do estudo, contribuem para compreender a ideia de gênero e de identidade de gênero que os sujeitos participantes do estudo possuem. E, de uma maneira muito sucinta, pode contribuir para o reconhecimento das representações que possibilitam uma autoidentificação desses sujeitos.

3.2 Identidade de gênero forjada no esporte: entre ser o que se pode e ser o que se é

Historicamente o esporte, de maneira geral, demonstra uma adesão numericamente maior de homens do que de mulheres. Essa questão é tratada por Pilatti (2002) como uma das formas de segregação do esporte que apresentou-se como a mais duradoura. O autor refere que somente a partir da metade do século XX que se começou a discutir oficialmente a participação da mulher no esporte. E que, de certa maneira, essa segregação ainda continua, mesmo que de forma muito sutil.

E, considerando as restrições de participação da mulher em determinados esportes e, principalmente, por determinadas culturas, algumas modalidades, ou o esporte em si, ainda hoje, recebe uma concepção extremamente masculina.

Chaves e Araújo (2015), indicam que os estigmas de corpo viril e eficiente que está diretamente relacionado ao aspecto masculino no esporte, contribui para a ideia clássica de força e rendimento que só pode ser encontrado no homem heterossexual.

Dessa maneira, segundo os autores mencionados acima, “os sujeitos que não afirmam em seu corpo os códigos da masculinidade tradicional [...] são alvos de inferiorização e subestima quanto ao seu rendimento e eficiência nos esportes”. (*Ibid.*, p. 6-7)

Essa exigência de comportamento masculino, viril no esporte pode ser percebida nas falas dos ex-atletas entrevistados. Neste sentido, para não perder a credibilidade ou o respeito no esporte que praticavam, os sujeitos participantes deste estudo informaram que assumiam uma identidade de gênero condizente com o que alguns colegas de equipe e seu técnico esperavam deles.

Eu me apresentava como homem. [...] eu era super pegador, sabe?, então ninguém falava que eu era viado. Então eu acho que eu, por também ser forte, jogava bem, me encaixava no jeito de homem. [...] Quando eu ainda jogava, eu não sabia que era gay. Quer dizer, eu acho que eu até sabia, mas eu não queria aceitar. Eu namorei com mulheres, [...] Mas lá no fundo, eu me sentia atraído por alguns colegas de time. Eu acho que até fui apaixonado por um lá. Eu choquei o povo quando eu me assumi. Os guris ficaram duvidando, eles se surpreenderam quando eu apareci com meu namorado. [...] Isso depois, eu não jogava mais. (LI, 34A)

Eu era como homem. Como eu sempre fui bom de bola, eu era admirado por alguns, então eles me tratavam muito bem. Eu me comportava como tinha que me comportar. [...] Eu gostava de ser respeitado, eu era muito discreto. Não tinha que ficar dando satisfação. Então era assim. Todos me tratavam como homem. [...] A gozação era muito grande. Não dava para contar a real para a galera. (RA, 31A)

Ah! Acho que é como queremos que os outros nos veja. Acho que, às vezes, tem um pouco de teatro na nossa identidade. [...] nem sempre da para ser do jeito que a gente quer. Às vezes, para não comprar briga com algumas pessoas e para não magoar algumas pessoas, nós temos que esconder

algumas coisas sobre nós. [...] ah! Eu penso muito nos meus pais. [...] Minha mãe ainda não sabe. [...] Ela ficaria muito triste. [...] Nem sempre eu pude ser assim. Teve um tempo que eu tive que ser o hominho do time. Tinha muita repressão. Não dava pra ser assim não. O povo morria se eu contasse ou deixasse rolar. Acho até que eu nem seria convocado para a seleção da cidade ou do estado se eu demonstrasse. (RO, 35A)

Na percepção dos ex-atletas investigados, a identidade de gênero que eles tinham que assumir na equipe, enquanto ainda eram atletas, era diferente daquela que eles realmente se identificam.

Essa postura assumida pelos sujeitos dessa investigação condiz com a concepção de masculinidade que é confiada aos homens em diferentes contextos, inclusive, e talvez com mais vigor, no meio esportivo.

Assumir uma identidade de gênero diferente daquela que é esperada, que já tenha sido previamente determinada ao sujeito, a partir de seu nascimento e com base em seu aspecto biológico, é, segundo Eribon (2000 p. 57 *apud* ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 302) uma decisão que “compromete toda a existência de um indivíduo: sua relação com a família, com os amigos, com o meio profissional”. E essa decisão pode ser considerada pelos modelos heteronormativos como a apresentação de um comportamento “desviante do padrão”

A decisão de assumir uma identidade de gênero diferente da que é esperada para o sujeito, pode até partir de uma escolha pessoal, no entanto, a estrutura cognitiva de gêneros em categorias dicotômicas, validadas e postuladas em larga escala social, é determinante em muitos dos processos de representação de masculino e feminino, que incute uma postura “adequada” a ser assumida e que pode fazer com que muitos que não se identificam com esses critérios classificatórios, se rendam a eles ou levem muito tempo para assumir e/ou revelar a identidade de gênero que melhor o representa.

É nesse ponto que percebemos a operacionalização do discurso do grupo que detém o poder e fazem valer suas representações sobre outros grupos tidos em menor consideração social, assim como mencionado por Foucault (1996).

Esse discurso preponderante que validam e disseminam determinadas representações, “tem a força de transformar homens e mulheres naquilo que de fato

pressupõe, atuando assim, como uma 'profecia auto-cumprida', em detrimento da individualidade ou dos aspectos idiossincráticos de cada um". (BUENO, 2006, p. 93)

Para os ex-atletas investigados, não existia só um integrante da equipe que exercia essa condução heteronormativa. Eles reconhecem em muitos de seus colegas e inclusive no técnico essa atuação sobre a manutenção do domínio da masculinidade na equipe. Assim, quando perguntados sobre quem exercia ou quem em maior quantidade e duração de ocasiões exercia sobre eles uma determinada postura, particular a uma identidade de gênero específica, eles indicaram que:

Todos pareciam se posicionar como hetero. Até aqueles que eram bicha, que a gente achava que eram bicha né, não demonstravam muito, mas que no fundo eram, acho que eram. Tiravam sarro, eram agressivos quando alguém dava umas afeminadas. Então acho que todos tinha uma postura machista, acho que eu também tinha. [...] eu não revelava e também fiz umas piadas homofóbicas. Acho que isso contribuiu para alguns ficarem enrustidos. (LI, 34A)

Ah! Não tinha um só. Às vezes as piadas vinham dos meninos, as vezes vinha do técnico. Mas eu convivía mais com os meninos, conversava mais com eles. Não sei se tinha um que tirava mais sarro, ou fazia algumas cobranças. Ah! Em um jogo o atleta da outra equipe disse que um colega, que era amapola, que ele sofria da "praga gay". Então isso pegou. Se alguém demonstrasse ser mais afinado, ele sofria e podia espalhar a tal da "praga gay". [...] Não ficamos muito ofendidos com essa insinuação, sabíamos que era só mais uma gozação dos caras. Não tem essa história de praga não, era brincadeira. (RA, 31A)

Ah! De todos, gata. Dos outros meninos, do técnico. Geral [...] Às vezes uns mais que os outros. Geralmente quem jogava melhor, esse era sempre mais gozador. [...] O técnico tratava todo mundo de acordo com a sua qualidade no jogo [...] Não tinha gay na equipe dele. Quando nós jogávamos contra equipes que tinha gay, ele falava: esses caras com essas putarias. Ele é preconceituoso. [...] Não tinha gay que fosse assumido. (RO, 35A)

Ao tentar melhor entender a fala do sujeito (RA, 31A) sobre como repercutiu ou como impactou em alguns de seus colegas ou até nele mesmo essa insinuação de "praga gay", percebemos que ouve uma aceitação geral da atitude do colega de equipe que, segundo (RA, 31A), se tratou de uma "brincadeira".

Não, acho que ninguém ligou muito, pelo menos ninguém falou ou brigou com ele por causa disso. [...] Agora eu sei que tinha mais mocinhas no armário, no grupo. E, no começo, como todos queriam estar entre os melhores, ser convocado para representar a seleção da cidade, do estado, então todo mundo contracenava ser macho. Então ninguém, mesmo aqueles que eram bicha enrustidas, não reclamaram sobre essa “brincadeira de praga gay”. (RA, 31A)

Essa passividade diante de determinadas atitudes dos colegas de equipe, além de contribuir para a prática da masculinidade hegemônica, corre o risco, também, de “fomentar subjetivações que autorizam as práticas homofóbicas e suas violências correlatas”. (ANDRÊO et al., 2016, p. 61)

A indução de uma determinada postura com relação à identidade de gênero desencadeia o que Andrêo et al., (2016, p. 48) considerou como uma determinada violência, ainda que simbólica, sobre as pessoas. E, segundo os autores, mesmo que já tenham ocorrido alguns avanços devido às lutas por respeito às diferentes identidades de gênero, que não somente o cisgênero, “as violências de gêneros ainda se fazem presentes, sejam em suas formas mais sutis através de piadas e/ou comentários de cunho depreciativo ou mesmo por meio daquelas que deixam marcas físicas”. E essas diferentes formas de violência sempre busca enquadrar o sujeito em um sistema hierárquico masculino hegemônico.

Durante as atividades esportivas praticadas pelos ex-atletas investigados, eram pronunciadas frases por colegas e técnicos que faziam menção ao agir masculino e feminino, em que, segundo eles, era solicitada uma postura de homem em menosprezo a uma postura de mulher. As frases que eles indicam terem sido mais pronunciadas eram:

Vamos lá cara, joga como homem. Tá muito gayzinho. (LI, 34A)

Bora porra, joga como homem. Vira homem. (RA, 31A)

Joga como homem. Tá parecendo uma mocinha. Vira homem. (RO, 35A)

Para (RO, 35A) as palavras eram sempre as mesmas. E quase sempre, durante um jogo, eram pronunciadas pelo técnico. E, mesmo que os 3 ex-atletas investigados não tenham mantido/permanecido no papel de gênero que foram

levados a sustentar durante suas estadas no esporte, eles consideram que existia uma tendência de se formar um tipo de identidade de gênero condizente com o aspecto sexual, biológico de cada um, nas atividades esportiva que praticaram.

Acho que depende muito da pessoa, do preconceito do grupo, sabe?. Mas eu acho que influência sim. Deu uma insegurança de assumir que sou bicha, não foi fácil. Eu acho que o volêi ajudou a me conter. Eu era apaixonado por jogar. Era minha vida. Não sei como está hoje, se tem muito preconceito. Na minha época era de mais. O povo era muito atrasado. [...] Ah! Acho que o técnico poderia ter ajudado né?. Ele que manda, escolhe os atletas do time. Então se ele não fizesse isso, ou se não permitisse, seria diferente. [...] Esse tratamento com quem é gay, seria outro, né?. (LI, 34A)

Eu não sei se o esporte ajuda ou não a gente se formar, mas acho que poderia ser mais democrático. Acho que poderia ser mais aceito as diferenças. [...] Ah, tipo assim, não tem que impressionar ninguém. Não tem que ser uma pessoa que não se é. Acho que eu teria jogado do mesmo jeito se eu tivesse me revelado antes. Mas foi bom. [...] Ah, eu tive minhas experiências. Eu fui o que deu pra ser. E agora eu sou o que sou. Sou gay né. (RA, 31A)

Cara, eu não gostava muito do jeito que tratavam essa situação. Hoje, pensando em tudo o que eu tive que deixar pra lá, só para continuar no time, vejo que é bobagem. [...] Não sei se as pessoas deixaram de assumir, até hoje, por influência do time, ou se não querem assumir mesmo. Eu acho que pode influenciar uns e não influenciar todos. [...] Ah! Eu desconfio que alguns deles lá são gay, mas não revelam. [...] Ah! Os atletas são foda, eles tiram muito sarro. Mas o técnico pode evitar, é só dizer que não aceita preconceito.

Para a formação de uma identidade de atleta uma figura que emite um discurso de poder que consegue atingir a formação subjetiva, portanto a cultura, é a do técnico. Os técnicos detêm o que Giroux e Maclaren (1995) denominaram de autoridade textual sobre seus atletas, a qual possibilita aos técnicos validar determinados discursos, imagens, textos e invalidar outros.

Henry Giroux e Peter Maclaren (1995) desenvolveram uma concepção de autoridade textual referindo-se a validação que alunos conferem a determinadas representações veiculadas pelos professores em detrimento de outras. O técnico

não deixa de ser um professor na atividade de ensinar/orientar e ele é detentor da autoridade textual para fazer valer que algumas representações sejam tratadas como importantes e valorizadas, as identidades, e outras desvalorizadas e marginalizadas, as diferenças.

Ao mencionarem que o técnico poderia ter atuado de maneira diferente ou evitado determinadas atitudes de alguns atletas na prática ostensiva por uma hierarquização da heterossexualidade, eles demonstram reconhecer a autoridade do técnico no comando de sua equipe. O que traduz a figura de poder do técnico, que possui autoridade textual e a exerce sobre seus atletas (GIROUX; MACLAREN, 1995) e que, portanto, como pode ser verificado nesse estudo, validou as representações sobre o papel de gênero que seus atletas deveriam desempenhar: homem, viril, hábil.

No entanto, as questões aqui apresentadas contribuíram, também, para a verificação de que, mesmo que os ex-atletas tenham convivido em um ambiente de repressão sobre a liberdade de assumir uma identidade de gênero diferente da correlata ao sexo e, por muito tempo terem sido influenciados por esse ambiente, ele não foi decisivo na constituição da identidade de gênero dos mesmos. Visto que, depois que deixaram de frequentar os ambientes onde ocorriam as atividades esportivas e de conviver com os colegas e técnico da equipe, eles puderam assumir a identidade de gênero desejada, impulsionados pelos seus desejos pessoais.

Essa ocorrência corrobora as menções de Silva (2006) que indica que a representação é sempre um processo frustrado de fixação, de finalização, pois o significado nunca está pleno de significante. Com isso, os significados universais são invalidados, dando lugar a significados construídos no âmbito do contexto e da relação, desde sua produção, compreensão e na relação com outros significados.

É evidente que os processos de significação colocados em voga na vida de um atleta veiculam determinadas representações que conformam a sua cultura, porém essas representações não são estanques na formação cultural, ou seja, uma representação assimilada não fica eternizada durante toda a vida, pelo contrário ela muda e se reconfigura a cada novo discurso, os quais as pessoas tomam contato e que exercem poder sobre sua subjetividade.

4. Considerações Finais

Através da análise das falas dos sujeitos entrevistados, foram possíveis obter subsídios para uma forma de se compreender como algumas elocuições e interações interferem na formação de uma determinada identidade de gênero. Aqui é referido como “uma forma de se compreender” devido a ter conseguido entrevistar somente 3 dos 7 ex-atletas convidados e entendermos que, para uma maior compreensão do que fora mencionado, seria de grande valia uma inserção na rotina de encontros – treinos e jogos, da equipe que os sujeitos investigados fizeram parte, para que, assim, ficasse mais evidente o contexto em que as interações entre técnicos e atletas se dava. O que sugerimos/pretendemos para próximos estudos.

Contudo, fora possível identificar aspectos importantes que indicam a interferência de alguns envolvimento esportivos no processo de formação de identidade de gênero, relatados por ex-atletas da modalidade de voleibol, neste sentido, chegamos a algumas constatações.

A primeira é que o ex-atletas identificam gênero como uma forma de diferenciar o homem da mulher, ainda muito ligada ao aspecto biológico que determina sexo.

A segunda constatação indica que as relações vivenciadas no meio esportivo pelos ex-atletas participantes desta investigação tendiam a uma formação de identidade de gênero dentro de uma concepção hegemônica heteronormativa.

A terceira constatação é de que as representações reforçadas no ambiente esportivo que os ex-atletas conviviam correspondiam a um modelo de sujeito forte, viril, ábil, portanto, masculino, heterossexual.

A quarta constatação aponta que, no ambiente esportivo relatado pelos ex-atletas entrevistados, ocorriam diferentes práticas de homofobia, constituindo-se como um ambiente de discriminação, intolerância e desrespeito que, segundo Borrillo (2009 *apud* ANDRÊO et al., 2016, p. 60) configuram-se como “dispositivos ideológicos e não atingem apenas homossexuais, mas também aqueles que atravessam as fronteiras normativas entre as sexualidades e os gêneros”.

A quinta constatação é que o técnico é apresentado como principal sujeito que possui autoridade textual e que reflete a representação de identidade gênero “adequada” e, mesmo não sendo o único na equipe a emitir elocuições e comportamentos que reforçam uma hierarquização heterossexual, ele é apontado pelos ex-atletas entrevistados como sujeito que ocupa uma posição na equipe que poderia evitar o “domínio da masculinidade” no grupo.

A sexta e última constatação refere-se a identidade de gênero assumida pelos ex-atletas participantes deste estudo que, segundo eles, não correspondia ao que eles realmente desejavam. A adoção de uma postura de identidade de gênero masculina foi feita pelos sujeitos entrevistados na tentativa de se manterem no grupo, de serem aceitos e respeitados pelos seus colegas e técnico da equipe. O que, por muitas vezes, levou aos mesmos a se comportarem de forma muito passiva frente a algumas atitudes ofensivas e desrespeitosas praticadas no ambiente esportivo que participavam.

Vemos a importância de se compreender a forma como o indivíduo se identifica no sentido em que possam ser difundidas informações sobre um sujeito constituído, também, a partir de sua vivência social, das tramas culturais. Entendemos, também, nessa questão, a possibilidade de se romper com o binarismo homem/mulher como única possibilidade de constituição do sujeito. E, com isso, poder contribuir com a ideia de André et al., (2016, p. 49), onde indica que com “a desnaturalização das sexualidades e dos gêneros é importante para a produção das subjetividades e emancipação de individualidades que são dominadas.”

Referências

ALMEIDA, Marcos Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 301-321, jan/mar de 2012.

ANDRÉO, Caio; PERES, William Siqueira; TOKUDA, André Massau Peres; SOUZA, Leonardo Lemos de. Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), v. 16, p. 46-67, 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/24756/17785>> Acessado em 05/12/2016.

BUENO, Cléria M.L.B.. O papel das representações sociais e da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**. 2006; 16(3):92-103.

CHAVES, Paula Nunes; ARAUJO, Allyson Carvalho de. Resistência queer: marcação do território gay no cenário heteronormativo do esporte. **Pensar a Prática** (Online), v. 18, p. 1-12, 2015. Disponível em:

<http://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=fef&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=32733&path%5B%5D=18366>> Acessado em: 10/11/2016

FISCHER, Rosa Maria Bueno. FOUCAULT E A ANÁLISE DO DISCURSO EM EDUCAÇÃO. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo (SP), v. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GIROUX, Henry; MACLAREN, Peter. Por uma pedagogia da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flavio. **Território Contestado: O currículo e os novos mapas políticos e culturais**. 5º ed. Petrópolis: Vozes, 1995

GUARESCHI, Pedrinho. Representações sociais: alguns comentários oportunos. In: Novas contribuições para a teorização e pesquisa em Representação Social. **Cadernos da ANPEPP**, n. 10, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. p.18.

HALL, Stuart. A centralidade da Cultura: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.2, p. 15-46, jul./dez.1997.

_____. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. 11 ed. RJ: DP&A, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2ª ed. Brasília, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 16ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. (Coleção Temas Sociais)

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9ª ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, VOL8. N.2/2000, pp. 09- 41

PILATTI, Luiz alberto. Guttman e o tipo ideal de esporte moderno. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (org). **Esporte: história e sociedade**. Campina: Autores Associados, 2002.

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova**. Revista de Cultura e Política, v. 61, p. 17-30, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 20, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevista, textos e interações**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 73-102

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: _____ (Org.) **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004. (Série Pesquisa em Educação, 4)

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n.48, p. 89-108, 1999.